

A IV GUERRA MUNDIAL?

LÓGICAS DE GUERRA

O que aconteceu a 11 de Setembro foi, sem sombra de dúvida, um crime contra a humanidade. A recapitulação dos momentos atrozos daquela manhã, difundidas com os pormenores que os media hoje permitem, obrigam a revisitar a lógica das guerras da segunda metade do séc.XX. Enquanto se desenrolava em várias frentes a II Guerra Mundial com base nas armas convencionais desenhava-se, ao nível simbólico, um outro tipo de conflito. Nesse curto intervalo, a condução da operação japonesa de 1941, baseada na lógica dos 'kamikazes', abriu o caminho à utilização de vidas humanas como armas. Ao mesmo tempo, o projecto Manhattan procurando utilizar a recém-descoberta radioactividade artificial para a produção de uma arma poderosa não se limitou à destruição de Hiroshima e Nagasaki mas introduziu a par das armas convencionais a nova arma nuclear. Com ela inaugurou-se a III Guerra Mundial.

O delírio com que foi saudada a queda do muro de Berlim representou a vitória de uma III guerra Mundial que não teve lugar mas que permaneceu presente durante toda a segunda metade do séc. XX . A nova ameaça desses 50 anos era clara: as duas superpotências possuíam um poderosíssimo arsenal de bombas atómicas e numerosos países ou também possuíam a bomba ou a possibilidade de transformar a tecnologia do nuclear para fins pacíficos em armamento nuclear.

A guerra que 'não teve lugar' foi combatida por uma nova arma do espírito: a **dissuasão nuclear**. Foi essa 'arma' que impediu a destruição do planeta. Neste contexto, e apesar do 'mal' que a arma nuclear representa, houve de ambos os lados, durante a Guerra Fria, uma barreira que não foi ultrapassada: o sentido da responsabilidade conjunta pela manutenção da vida e pela preservação da humanidade.



Hoje a **IV Guerra Mundial** não utiliza só uma nova arma: torna plausível e 'necessário' que essa nova arma seja o recurso limite de uma situação experimentada como radicalmente injusta. O que distingue a 'nova arma' das que foram usadas nas guerras do séc.XX é que utiliza as características da globalização ao mesmo tempo que abandona o conceito de 'Vida' como valor supremo da comunidade humana. É a própria vida que é objecto de um processo de 'coisificação', tornando-a descartável.

Num artigo publicado no International Herald Tribune a 9 de Agosto - e traduzido desde então nos jornais com informação internacional - Fukuyama vai ao ponto de considerar ~~que~~ o 'terrorismo' (onde inclui Bin Laden, Al-Qaida, os talibãs e o islamismo radical) como '*um desafio ideológico muito mais duro, em certos aspectos, do que era o comunismo*'. ^{Por sua humilhação} As palavras do Ministro da Defesa Rumsfeld ~~tiram as~~ ^{confirmam} ~~consequências~~ desta afirmação, ^{dizendo} ~~ao~~ acentuar que o terrorismo é uma verdadeira ameaça para o mundo inteiro, "*previne que a guerra contra o terrorismo pode durar tanto tempo quanto durou a guerra fria*"!

ELEMENTOS DA POSIÇÃO DOS EUA

Nos dias e semanas ^{Fundação Guindar o Futuro} ~~que se seguiram a 11 de Setembro~~, o horror do acontecimento polarizou as emoções e os media ~~(num jogo de espelhos que deixou a anos-luz a recente guerra do Golfo). E houve comentários incontáveis.~~ Todos os americanos com quem falei ou troquei e-mails durante essas semanas revelaram atitudes idênticas. Todos exprimiam uma enorme sensação de perda e de desolação. E desde o momento da catástrofe polarizaram-se, com a generosidade que caracteriza o povo americano, nas acções concretas de solidariedade que o momento requeria. Quase todos levantaram interrogações que podem resumir-se na pergunta cândida: "por que nos odeiam tanto?" Pergunta a que esses mesmos respondiam na base da sua experiência internacional e da reflexão crítica sobre a política dos EUA em relação aos grandes problemas do mundo.

Paradoxalmente o próprio Fukuyama fornece uma lista exaustiva dessa política, citando-a como crítica europeia à política dos EUA:

- o abandono do protocolo de Kyoto sobre o aquecimento do clima,
- a recusa de ratificar o pacto de Rio sobre a biodiversidade,

- a rejeição unilateral do tratado ABM que limitaria a utilização de mísseis,
- a oposição à interdição das minas anti-pessoais,
- o tratamento dado aos prisioneiros ligados à Al-Qaida na baía de Guantanamo,
- a rejeição de novas cláusulas relativas à guerra biológica,
- a oposição à criação do Tribunal Penal Internacional,
- o anúncio da administração Bush de mudar o regime político no Iraque, mesmo se for necessário os EUA invadirem-no sozinhos.

Esta lista parece colocar os EUA em outro planeta ~~em que~~ (onde?) não existiriam os problemas gigantescos a que o mundo hoje tem de fazer face. Seria difícil a muitos europeus conseguirem alinhar com tanta clareza os pontos óbvios de desacordo entre a UE e os EUA nos domínios geo-estratégico e ambiental.

Uma tal posição não é, porém, uma posição isolada nos EUA. A popularidade (70%) de Bush corresponde a um intenso conformismo que percorre o país. Um apoio tão generalizado manifesta um misto de um patriotismo que se considera ultrajado (o uso generalizado da bandeira como sinal de pertença é disso uma ilustração evidente) e de uma necessidade imperativa de unidade de todo o país, com o corolário bem americano de que não se pode criticar o presidente quando está em causa essa mesma unidade. "Le Monde Diplomatique" do mês de Agosto faz notar o tom comedido da imprensa, o silêncio dos intelectuais, chegando mesmo a notar que "*a queda das Torres do World Trade Center pode servir como metáfora do declínio da democracia americana*".

Essa democracia aparece ao resto do mundo como reduzida à sua própria caricatura. Pois como pode falar-se em democracia quando um presidente decide definir no mundo alguns países como "o eixo do Mal"? (É evidente que a expressão não é inocente já que acorda em qualquer pessoa, de forma apenas sub-liminar talvez, a designação do "Eixo" durante a II Guerra Mundial.) O argumento de que esses países constituindo, segundo a administração Bush, «o eixo do Mal» possuem armas nucleares leva a perguntar: ~~quid de~~ todos os membros permanentes do Conselho de Segurança, ~~de~~ Israel, da África do Sul, da
 e entz

Índia, do Paquistão, ^{assimilamos os} dos países que resultaram do desmembramento da União Soviética?

Não menos grave é a declaração feita logo a 20 de Setembro pelo presidente Bush de que "Cada país de cada região do mundo tem de tomar agora uma decisão. Ou estão connosco ou estão com os terroristas". Em data recente, a declaração fez-se mais insistente: "Quem não é por nós é contra nós". O uso abusivo de uma formulação bíblica só pode ser interpretado ou no contexto de uma grande ignorância das Escrituras ou no quadro de um fundamentalismo cristão que se desconhece como tal.

DESAFIO AO PENSAMENTO EUROPEU

Ao longo deste ano, vimos, por um lado, a Europa a fazer todos os esforços pela sua própria construção e, por outro, a tentar fazer ouvir a sua própria voz a cada nova etapa da guerra em curso. Começou por ser uma solidariedade evidente nos primeiros dias após a tragédia do 11 de Setembro. Mas, à medida que o presidente Bush ia desdobrando a sua análise e a tática imediata, a Europa foi manifestando maior reserva até atingir a linha divisória que a impede de ser apenas eco da estratégia americana, como acontecera na guerra do Golfo ou nos sucessivos conflitos dos Balcãs. Nem todos os Estados europeus têm a mesma firmeza na afirmação dos princípios civilizacionais que nos estruturam enquanto povo múltiplo, em processo de 'reunificação'. Mas os povos europeus, esses, estão bem conscientes de que não é este o caminho que é necessário seguir. Ao analisarem o 11 de Setembro, através de alguns dos seus intelectuais com mais prestígio, os europeus estão à procura de uma estratégia que só será eficaz se a IV Guerra Mundial for encarada com elementos capazes de responderem à 'nova arma' que o terrorismo utiliza.

Esta guerra é, literalmente, a primeira guerra de dimensão **mundial**. É-o a vários níveis. Porque a sua ameaça diz respeito ao mundo inteiro, facto totalmente inédito até hoje. Porque o lugar de ataque é imprevisível devido à própria natureza do terrorismo que Jean Baudrillard compara a uma espécie de 'virus' que se expande através de todo o organismo vivo. Porque, tal como o esquema de produção de



Small de esperança e, no entanto, a oposição à
guerra ~~de~~ e o ~~Stafue~~ Manifesto há pouco atrás
por três grandes figuras republicanas / entre as quais
Henry Kissinger
Kissinger exerceu função
governamental

Fundação Cuidar o Futuro

bens e serviços deslocalizou as várias etapas do processo, a preparação do terrorismo utiliza locais diversos para a preparação das suas 'operações'.

É neste sentido que o terrorismo desta guerra se insere, apropriando-se dos seus aspectos positivos, na era da **globalização**. Utiliza a tecnologia informática em todos os seus domínios, é capaz de controlar não só a tecnologia aeronáutica mas todos os centros de informação do tráfego aéreo (se eu quiser fazer de Paris uma reserva na TAP para Lisboa julgo que estou a falar com outro número em Paris e de facto estou conectada a Lisboa ou, se de Lisboa quiser fazer uma reserva para Paris com a Air France, descubro que a minha interlocutora está a falar-me de Londres, etc. etc.). ~~O terrorismo~~ (cúmulo do absurdo) ~~serve-se~~ de armas legais que devem proteger os bens dos cidadãos, como o segredo bancário, para tornar invisíveis as operações financeiras que lhe permitem montar, a prazo, operações muito caras.

Mas nenhum destes factos permite estabelecer qualquer relação entre o terrorismo e a revolta latente no mundo face ao empobrecimento cada vez maior dos pobres e ao fosso crescente entre os que têm acesso a tudo e os que não têm sequer condições para sobreviver. Os pobres do mundo não clamam pela morte dos outros - clamam, sim, pelo seu inalienável direito à vida. É por isso também que não é possível situar o terrorismo em relação a qualquer ideologia ~~ou mesmo criando uma ideologia própria~~. Jean Baudrillard et René Girard, entre outros, tentaram elaborar um pensamento explicativo do 11 de Setembro que aponta para elementos a ter em conta numa possível estratégia para esta guerra.

Assim, René Girard - o grande antropólogo que desenvolveu a teoria do carácter mimético de todo o psiquismo e de todas as relações sociais - considera que o que está em jogo "*é uma rivalidade mimética à escala planetária, (...) sendo o terrorismo suscitado por um desejo exacerbado de convergência e de semelhança com o Ocidente.*"

Jean Baudrillard, por seu turno, descreve 'o espírito do terrorismo' como muito mais grave "*por ser altamente simbólico e sacrificial*". Nesse registo intervém também a imagem. Habitados como estamos à

FR
Levando-o a um nível ~~de~~ ^{de} ~~que~~ ^{que} ~~é~~ ^é ~~ficção~~ ^(a imagem pode ser)
(fictícia) e a realidade de soberania.

banalidade mediática, tendemos a ver dezenas de vezes a queda das Torres e a 'consumir' a imagem virtual, fazendo dela uma ficção. E nada esbate melhor a capacidade de definirmos estratégias do que esse 'consumo', comum ao audio-visual é certo, mas neste caso obrigando-o a negar o princípio de realidade. Impasse? Temporariamente, sim. Porque nos faltam mais elementos de análise e de interpretação. Mas não só. Face a esta guerra a Europa e os EUA estão separados por vários factores. Apenas refiro o que me parece fundamental.

Voltando ainda a Fukuyama, há duas afirmações ~~que são~~ da maior gravidade, na medida em que são obviamente 'his master's voice'. É louvado o aumento orçamental dos EUA para combater o terrorismo, comparando-o ao movimento contrário da Europa. Na verdade, os ideais humanitários da Europa têm ao longo dos anos impulsionado uma gradual diminuição do arsenal militar. É convicção muitas vezes proclamada por personalidades políticas eminentes que é esse o caminho que a Europa deve seguir, estimulando, ao mesmo tempo, os países em desenvolvimento a seguirem a mesma linha.

A segunda afirmação diz respeito ao estatuto do Estado-nação. Como, de resto, muitos europeus, o autor do artigo não percebe que na Europa há uma mudança qualitativa quanto à natureza do Estado-nação. Não se trata de diminuir a importância da soberania do Estado-nação mas de a alargar em relação ao espaço que abrange e de transformar o seu conteúdo de modo a que todos os povos que a habitam possam gozar de uma melhor qualidade de vida. Contrapondo as convicções europeias às americanas o autor do artigo afirma que "*os americanos tendem a pensar que não há legitimidade democrática acima do Estado-nação constitucional e democrático*". E, na sequência desta convicção, o autor afirma que a legitimidade democrática das instituições internacionais é revogável a todo o momento pelas partes contratantes! É o que se pode chamar construção da desordem internacional!

A atitude da Europa face ao terrorismo passa necessariamente por aqui. O pensamento é urgente e tem de ser portador de acção eficaz.

Maria de Lourdes Pintasilgo